

O AVARENTO
E A ÁRVORE
DE DINHEIRO



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Angelotti, Christiane

O avarento e a árvore de dinheiro / Christiane Angelotti ; ilustrações de Rafa Antón. - São Paulo : Paulus, 2023.
Il., color.

ISBN 978-65-5562-922-4

1. Literatura infantojuvenil brasileira 2. Avareza - Literatura infantojuvenil I. Título II. Antón, Rafa

23-3304

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil brasileira

Direção editorial

Darlei Zanon

Gerente de design

Danilo Alves Lima

Coordenação editorial

Dílvia Ludvichak

Coordenação de revisão

Tiago José Risi Leme

Preparação do original

Caio Pereira

Projeto gráfico

Gustavo Gomes

Capa e diagramação

Gustavo Gomes

Editoração, impressão e acabamento

PAULUS



Conheça o catálogo PAULUS acessando:
paulus.com.br/loja, ou pelo QR Code acima.
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-922-4

O AVARENTO E A ÁRVORE DE DINHEIRO

CHRISTIANE
ANGELOTTI

ILUSTRAÇÕES
RAFA ANTÓN





Série TEENS

- *Medo da chuva*, Heloísa Parenti
- *No clarão das águas*, Jorge Fernando dos Santos
- *Érica e seus caminhos de amor*, Lúcia Pimentel (eBook)
- *Olhando para o outro lado*, Júlio Emílio Braz
- *As duas vidas de Helena*, Angela Leite de Souza
- *O Galha: o menino de rua*, Lourdes Carolina Gagete
- *Gorrinho, uma loucura crônica*, João Pedro Roriz
- *Gorrinho 2: o mistério está no ar*, João Pedro Roriz
- *Rettiru*, Cesar Obeid
- *Memórias de um aluno totalmente dividido*, Alex Gomes
- *Gudrun: a princesa de Campo Belo*, Taciana Ottowitz
- *João bobo, João esperto*, Sergio Merli
- *O avaro e a árvore de dinheiro*, Christiane Angelotti

Para duas professoras
que me fizeram acreditar,
ainda criança,
que eu poderia ser escritora.
Eu nunca esqueci.



Em uma pequena e distante cidade, praticamente um minúsculo ponto no mapa, e, portanto, quase invisível, vivia um homem muito ranzinza, de cabelos grisalhos despenteados, barba por fazer, e meio magricela. Era muito alto, tinha cerca de um metro e noventa, e, talvez por viver numa cidade em que a maioria das pessoas tinha estatura baixa, andava meio curvado.

Herculano Mesquita era seu nome, mas as pessoas da cidade se referiam a ele como “o sovina”, “mão de vaca”, “o mesquinho”. As crianças até o chamavam de senhor Mesquinho, fazendo um trocadilho com o nome.

Sim, não era exagero, ele era, de fato, muito avarento. Tão avarento que economizava em tudo o que fosse possível. E até no que não era, ou que deveria não ser. Talvez economizasse até pensamento, mas não tenho como afirmar. Por vezes, sua avareza era até cômica, mas também chegava a ser trágica.





A comida, em sua casa, era mais do que regrada, era controlada. Somente duas refeições por dia. E cada morador da casa – ele, sua mãe idosa, dona Ana, e Matilde, que tomava conta da mãe e da casa – tinha direito a uma pequena quantidade de comida por refeição. Sim, as porções eram bem contadinhas. Arroz, por exemplo, era uma colher para cada um. E nada cheia. E tenho que dizer que, além de bem rasas, eram colheres de sobremesa. Herculano tinha separado um medidor de porções para medir a quantidade de comida que era servida. O arroz era feito para durar a semana inteira e, assim, economizar o gás. Comida quente só uma vez ao dia. O jantar era sempre a sobra do almoço, e na temperatura ambiente.



O banho era com água fria, não importava se fosse inverno ou verão. E olha que, no inverno, fazia muito, muito frio. O tempo do banho era também cronometrado, nada de banho por mais de um minuto. Economia de água e de sabonete. Como ele controlava isso? Com um cronômetro mecânico que apitava ao marcar o tempo.



Quando Matilde começou a trabalhar em sua casa, para ajudar a mãe de Herculano, que precisava de cuidados, até tentou burlar algumas regras. Certa vez, levou dona Ana para tomar banho enquanto Herculano saía. A mãe tinha muito medo de seu filho, da pessoa que ele havia se tornado, e não tinha mais energia para desobedecer-lhe. Porém, sonhava com um banho refrescante no verão, no qual pudesse lavar seus ralos cabelos com calma, e por isso não hesitou em aceitar desafiar o rígido controle do filho. Tentaram ligar o chuveiro de todas as formas, mas, para a surpresa de ambas, descobriram que havia uma engenhoca que controlava o registro de água do banheiro, trancada com cadeado, que impedia a abertura da água de todas as torneiras e do chuveiro da casa. Logo, banho só sob o rígido controle do avarento.

A lavagem da louça era feita com água deixada em um balde, e as roupas eram lavadas uma vez por semana, com o avarento sentado na cadeira ao lado de Matilde controlando o consumo de água. Obviamente não ficavam assim... Realmente bem lavadas. Normalmente, discordavam e brigavam.



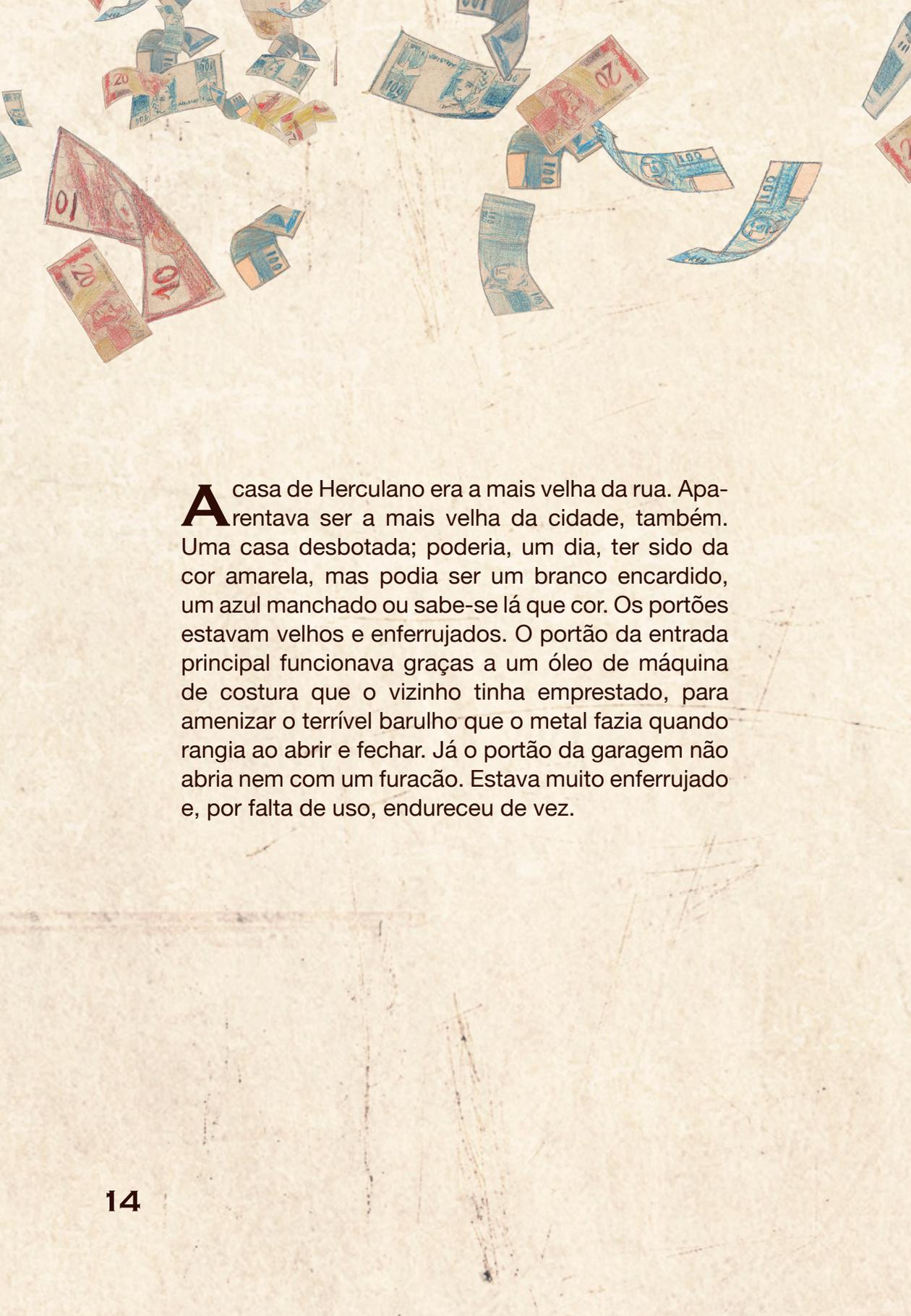


Matilde era a paciência em pessoa, como diziam os moradores da cidade. Ela havia aceitado trabalhar na casa de Herculano por causa da mãe dele, que tinha sido sua professora muitos anos antes, no início do ensino fundamental. Dona Ana sofria de um tremor nas mãos, o que dificultava que desempenhasse algumas tarefas sozinha; das mais simples às mais complexas, como pentear os cabelos, vestir suas roupas, servir-se de um copo de água.

Dona Ana era uma pessoa querida na cidade, foi professora de boa parte de seus habitantes. Ela estava com a saúde bastante comprometida, mas sentia-se triste mesmo em assistir à avareza de seu filho, com ela, com a sociedade e com ele próprio. Matilde trabalhava na casa da família fazia um ano, período em que dona Ana teve sua saúde agravada. Por conta das orientações médicas, Herculano permitiu que sua mãe fizesse o lanche da tarde, com um mingau de aveia, que Matilde carinhosamente lhe preparava e no qual, de vez em quando, acrescentava uma banana amassada que comprava com seu próprio dinheiro.



Diziam que Herculano, por causa da avareza, não se casou e não teve filhos para não ter gastos. Falavam, também, que ele torcia para que a mãe morresse logo, pois manter o salário de Matilde e, ainda por cima, tê-la em casa com eles aumentava consideravelmente as despesas. As pessoas costumam falar muitas coisas, nem sempre verdadeiras, mas, no caso de Herculano, nem podemos duvidar da veracidade desses boatos. Eram muito prováveis.



A casa de Herculano era a mais velha da rua. Aparentava ser a mais velha da cidade, também. Uma casa desbotada; poderia, um dia, ter sido da cor amarela, mas podia ser um branco encardido, um azul manchado ou sabe-se lá que cor. Os portões estavam velhos e enferrujados. O portão da entrada principal funcionava graças a um óleo de máquina de costura que o vizinho tinha emprestado, para amenizar o terrível barulho que o metal fazia quando rangia ao abrir e fechar. Já o portão da garagem não abria nem com um furacão. Estava muito enferrujado e, por falta de uso, endureceu de vez.

